



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

O ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA COMO ALEGORIA DA CONTEMPORANEIDADE

Karine Braga Fonseca

Rio de Janeiro

2021

KARINE BRAGA FONSECA

O ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA COMO ALEGORIA DA CONTEMPORANEIDADE

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras na habilitação Português e Literaturas da Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof. Dra. Gumercinda Nascimento Gonda

RIO DE JANEIRO

2021

Ao Bernardo, meu filho e grande amor da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, em especial, à minha mãe Valentina, à minha avó Odette (*in memorian*) e aos meus irmãos por todo o amor, confiança e valores que me foram concedidos durante toda a minha trajetória, por acreditarem em mim e me permitirem ter a oportunidade de realizar um sonho.

Ao meu filho Bernardo, que, há um ano e três meses, se tornou a minha principal motivação e a melhor parte da minha vida.

Aos meus amigos, por serem as pessoas responsáveis por todos os momentos de leveza e diversão, pelos abraços e conforto sempre que necessário, e também por todo o incentivo durante esses anos de graduação.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Gumercinda Gonda, por ter aceitado fazer parte da produção desta monografia, e por toda a paciência, carinho e comprometimento que possibilitaram a sua realização.

À Universidade Federal do Rio de Janeiro e a todos aqueles que contribuíram, direta ou indiretamente, para a minha formação, a minha profunda gratidão.

*Pensei que houvesse um muro
Entre o lado claro e o lado escuro
Pensei que houvesse diferença
Entre gritos e sussurros
Mas foi um engano, foi tudo em vão
Já não há mais diferença entre a raiva e a razão.*

(Engenheiros do Hawaii)

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise crítica do romance *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago, levando em consideração o seu caráter alegórico em relação à contemporaneidade e ao homem pós-moderno. O intuito desta análise é estimular a reflexão perante as relações sociais e estabelecer possíveis representações para o fenômeno criado e apresentado por Saramago.

Palavras-chave: José Saramago; Cegueira; Alegoria; Pós-modernismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A ALEGORIA DA CEGUEIRA SARAMAGUIANA	11
1.1. Ensaio sobre a cegueira – uma síntese da obra	11
1.2. A cegueira saramaguiana em um contexto social	14
1.3. O manicômio.....	17
1.4. A mulher do médico: uma representação simbólica da benevolência através do feminino	20
2. ZYGMUNT BAUMAN E O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA	25
2.1. A liquidez constatada em ensaio sobre a cegueira	25
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	31

INTRODUÇÃO

Considerado a maior expressão dentro da literatura portuguesa contemporânea, José Saramago, nascido em 16 de novembro de 1922, é responsável por inúmeras obras marcantes e de gêneros diversificados. O escritor destacou-se, a partir de 1980, com a produção de romances como *Levantado do chão* (1980), *Memorial do convento* (1982), *História do cerco de Lisboa* (1989), *O evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), entre diversas outras obras. Imerso em uma época de censuras e repressões durante a ditadura salazarista ao iniciar sua carreira como escritor, o autor incita o público e a crítica através de seu estilo literário certamente conectado aos seus anseios políticos.

Habitado a ter como objeto de atenção de sua escrita a história de Portugal, Saramago aventura-se nos dilemas contemporâneos a partir de 1995, quando publica *Ensaio sobre a cegueira*. A obra torna-se rapidamente uma das mais famosas e renomadas do autor, sendo ainda considerada um dos principais motivos para a sua consagração como o único autor em língua portuguesa a receber o Nobel de Literatura, em 1998.

Fazendo uso de marcas da impessoalidade, tais quais um cenário desconhecido, personagens anônimos e uma temporalidade não datada, o romance apresenta uma narrativa apocalíptica a partir de uma inexplicável epidemia de cegueira que atinge a população de forma gradativa. No entanto, o fenômeno da cegueira retratado por José Saramago diferencia-se da cegueira habitual que descreve a literatura médica, pois ao invés de lidar com uma devastadora escuridão, os personagens se encontram imersos em uma descomunal luz branca. O autor enxerga na simples perda de um dos sentidos humanos uma motivação para questionar nossa percepção de realidade e compreensão de mundo, traçando o retrato de uma sociedade altamente animalizada e oportunista.

Ensaio sobre a cegueira (1995) torna-se um trilha de deslocamento entre um Saramago histórico para um Saramago universal, como define Sandra Aparecida Ferreira¹, constituindo-se, deste modo, no principal objeto de estudo desta presente monografia, que objetiva analisar as questões propostas pelo autor relacionadas à pós-modernidade, considerando-as uma alegoria da condição humana. Quando José Saramago publicava seu romance, em 1995, havia um abismo em comparação com os meios de interações sociais que existem hoje em dia. Ainda assim, o que teoricamente deveria atender como uma possível ponte de aproximação social

¹ FERREIRA, Sandra Aparecida. Da estátua à pedra (A fase universal de Saramago). Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004, p. 22.

parece ter aumentado a fragilidade humana. É perceptível que vivemos em uma sociedade altamente individualista e alienada, cada vez mais imersa em uma mentalidade superficial. A partir da ideia de um Saramago que abre espaço para os problemas contemporâneos vivenciados pelo homem, nos deparamos com uma narrativa fictícia que estimula a reflexão do comportamento humano perante uma situação em que o homem é testado até o seu limite.

O primeiro capítulo desta monografia promove uma profunda reflexão acerca da obra em diferentes contextos analisados: iniciamos com um breve resumo da narrativa, situando o leitor acerca da atmosfera criada por Saramago, e tecendo uma abertura aos subcapítulos seguintes, que se aprofundarão em características específicas da narrativa: o encontro promovido entre a literatura e o social, a relevância do manicômio como espaço principal da obra e a representação da esperança na humanidade representada através de um dos protagonistas. Para fins de aprofundamento nas questões relativas à pós-modernidade durante a produção deste trabalho, utilizaremos como aporte teórico os debates propostos por Max Horkheimer em *Eclipse da Razão* (2007).

O segundo capítulo utiliza a perspectiva do teórico Zygmunt Bauman e seus conceitos de modernidade líquida e cegueira moral, relacionando-os ao *Ensaio sobre a cegueira* e promovendo uma necessária discussão sobre a cegueira criada pelo autor, que, assim como a cegueira moral discutida pelo filósofo, demonstra ter sido provocada por conta da perda de sensibilidade da sociedade em relação ao próximo. A partir destes conceitos, analisaremos a obra por meio de diferentes olhares. Por fim, terminamos com uma breve conclusão sobre as análises propostas.

1. A ALEGORIA DA CEGUEIRA SARAMAGUIANA

1.1. ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA – UMA SÍNTESE DA OBRA

A narrativa da obra *Ensaio sobre a cegueira* se inicia a partir da descrição de um estranho acontecimento em meio a um trânsito caótico em uma cidade fictícia. Aguardando a mudança de luz do semáforo, que se encontrava vermelha, os motoristas enfileirados aparentavam ansiosos para seguir adiante em seus veículos. Alguns minutos depois, ao avistarem a cor verde sinalizando que pudessem continuar com seus trajetos, os motoristas rapidamente desfizeram as fileiras causadas pelo sinal vermelho, com a exceção daquele que se posicionava em primeiro lugar na fila do meio, travando todos os outros veículos que se encontravam na retaguarda. Enquanto o tumulto se alastrava, os condutores, nervosos com a situação, imaginavam todos os tipos de imprevistos mecânicos que estivessem impossibilitando a passagem, cogitando até mesmo “empurrar o automóvel empanado para onde não fique a estorvar o trânsito” (SARAMAGO, 1995, p. 12), entrando em ação a primeira crítica do autor dentro da obra: a desordem gerada pelo imediatismo na sociedade. Diante do caos que se espalhava rapidamente entre os indivíduos que desejavam seguir, o condutor do carro imobilizado, em estado de desespero, afirma repetidamente: “Estou cego, estou cego!” (SARAMAGO, 1995, p. 12). E assim, sem nenhuma explicação aparente, Saramago nos apresenta ao primeiro caso de cegueira da trama. Em meio a protestos e buzinas, o cego implora por ajuda, até que surge um bom homem que se oferece a acompanhá-lo até a sua casa. Ao final do trajeto, após conduzir o rapaz até o seu apartamento, o bom samaritano leva consigo o carro do cego. Logo nesse primeiro momento da narrativa, Saramago convida o leitor a refletir sobre a cegueira que já se alastra na alma daqueles que ainda possuem os olhos sãos, cegueira esta que será explorada em sua obra através de diferentes atos praticados pelo homem. A intenção covarde e egoísta de aproveitar-se de um indivíduo em condições fragilizadas é apenas a primeira conduta entre as inúmeras que trarão à tona o pior e o melhor do ser humano diante de uma situação-limite.

Em pouco tempo, a cegueira que atingiu o homem no trânsito passa a se alastrar rapidamente como numa epidemia de contágio, a começar pelo próprio ladrão. Em seguida, o autor nos apresenta a outros personagens que estiveram em contato com o primeiro cego e que acabaram tornando-se vítimas da mesma condição: sua esposa, o oftalmologista com quem ele havia se consultado, outros pacientes que se encontravam presentes no consultório, como a rapariga dos óculos escuros, o rapazinho estrábico, o velho da venda e assim por diante. O fato mais curioso sobre esta cegueira repentina e enigmática é que ela se distingue da cegueira

habitual, onde os indivíduos privados do sentido da visão vivem imersos em uma escuridão. Neste caso apresentado por Saramago, o indivíduo afetado pela epidemia passa a enxergar “uma cor branca uniforme, densa, como se se encontrasse mergulhado de olhos abertos num mar de leite” (SARAMAGO, 1995, p. 30).

Após ser atingido pela cegueira, a primeira constatação do médico é de que se trata de uma cegueira contagiosa, tomando em seguida a decisão de alertar as autoridades sanitárias para que as devidas providências sejam tomadas e a doença seja contida. A partir deste momento, o oftalmologista e sua esposa – que se torna a única personagem a escapar da insólita cegueira, a qual nos aprofundaremos mais adiante – tornam-se os personagens centrais da trama.

Em estado de alarme, o governo decide alertar ao médico e aos outros indivíduos afetados de que separem seus pertences para que possam ser isolados, evitando o alastramento da doença. Deste momento em diante, todos aqueles que se encontram acometidos pela cegueira, tornam-se desprovidos de suas próprias individualidades e livre arbítrio, sendo mantidos em confinamento em um antigo manicômio desativado. Assim sendo, concluímos a primeira parte da narrativa, focada no início da epidemia e na resolução apresentada pelo governo aos contaminados.

É neste segundo momento da obra que entra em ação o poder repressivo do Estado sobre a população, uma vez que todos os infectados em isolamento são monitorados pelo Exército e proibidos de manter qualquer contato com o mundo exterior. Junto a eles, apresenta-se a mulher do médico, que embora não tenha sido acometida pela doença, faz questão de ocultar a verdade para que possa acompanhar seu marido.

Através de um pronunciamento, o governo determina as condições impostas aos indivíduos isolados: receberiam alimentação através de uma caixa, três vezes ao dia; somente poderiam utilizar o telefone existente no local para requisitar a reposição de produtos de higiene e limpeza; seriam responsáveis por qualquer morte que sucedesse no local, independente da causa; e, caso tentassem abandonar o edifício sem autorização, estariam sujeitos à morte imediata. Além disso, recebem ainda ordens para que queimem todos os restos de comida e utensílios, alertando-os ainda que, seriam responsáveis por toda e qualquer consequência advinda dessas queimas, não havendo a hipótese de que haja nenhuma intervenção externa.

O Governo está perfeitamente consciente das suas responsabilidades e espera que aqueles a quem esta mensagem se dirige assumam também, como cumpridores cidadãos que devem de ser, as responsabilidades que lhes competem, pensando que o isolamento que agora se encontram representará, acima de quaisquer outras considerações pessoais, um acto de solidariedade para com o resto da comunidade nacional. (SARAMAGO, 1995, p. 50)

Saramago leva o autor a refletir, a partir das recomendações impostas pelo governo, como o autoritarismo é capaz de se fazer presente em meio a uma situação estarrecedora, alegando zelar pela parte da população não contaminada, no entanto, tornando os sujeitos infectados que se encontravam no manicômio uma sociedade à parte, largados à própria sorte para que lutassem por sobrevivência.

Conforme a epidemia começa a se alastrar pelo local não nomeado por Saramago, os infectados, bem como as pessoas suspeitas de estarem contaminadas, se veem cada vez mais amontoados, vivendo em condições internas completamente desumanas de imundície, escassez, desordem e violência. O desespero é tamanho, que, na esperança de enganar a doença descrita como branca e leitosa, alguns dos cegos tentavam cobrir seus olhos esperando enxergar a escuridão: “Alguns tinham tapado a cabeça com a manta, como se desejassem que a escuridão, uma autêntica, uma negra escuridão, pudesse apagar definitivamente os sóis embaciados em que os seus olhos se haviam tornado” (SARAMAGO, 1995, p. 76). A partir deste encarceramento, ao invés da solidariedade e da colaboração coletiva serem inspiradas, o autor permite que a verdadeira face da barbárie tenha lugar. Dá-se início a um verdadeiro cenário tenebroso.

A única personagem capaz de enxergar a situação aterrorizadora na qual se encontram os cegos é a mulher do médico, que permanece com sua visão intacta durante toda a obra, assumindo então um papel de liderança ao tornar-se responsável pela sobrevivência do seu grupo. A princípio, diante da perspectiva do leitor, nos questionamos “se existe uma relação direta entre os olhos e os sentimentos ou se o sentido de responsabilidade é a consequência natural de uma boa visão” (SARAMAGO, 1995, p. 243), uma vez que a construção desta personagem se mostra contrária à crítica moral que o autor procura evidenciar. Entretanto, ao longo da narrativa, é perceptível a necessidade da representação de “um olhar ainda possível de dar conta do espaço da dor e da condição humana que atinge o limite impensável do sofrimento” (FIGUEIREDO, 2006, p. 141). De acordo com Monica Figueiredo² (2006), “mais do que aquela que vê, ela é aquela que repara, porque, afinal, não esquece, transformando-se na memória que deve permanecer para que a possibilidade de uma vida mais humana esteja garantida”.

Em meio a conflitos e discussões, um grupo de cegos em posse de uma arma de fogo toma o controle da situação, sendo nomeados pelo narrador como *os cegos maus*. De maneira

² FIGUEIREDO, Mônica. “Da cegueira à lucidez: o ensaio de um percurso. Algumas notas sobre a narrativa de José Saramago”. In: Diadorim. Revista de Estudos Linguísticos e Literários, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006, p. 141.

violenta, o grupo passa a confiscar as refeições, exigindo pertences e dinheiro em troca de comida. Contudo, ao perceberem que não há mais objetos de valor a receber, o grupo exige que as mulheres utilizem seus corpos como forma de pagamento para que eles possam se satisfazer sexualmente. Apesar dos protestos e debates, composto por cenas repulsivas ao leitor, o estupro coletivo acaba por ocorrer em diversas câmaras do sanatório, tendo como consequência a morte de uma delas. Este momento torna-se essencial na narrativa, pois é a partir deste acontecimento que a mulher do médico compreende que a luta seria inevitável em reação à selvageria que se encontravam, e, sendo assim, decide assassinar o líder do grupo, gerando um grande alvoroço que termina com um incêndio proposital. Ao perceberem que já não há mais soldados realizando a guarda do local, os cegos aproveitam a oportunidade para realizar uma fuga, dando fim ao segundo segmento da narrativa.

O terceiro e último segmento da obra acompanha o grupo guiado pela mulher do médico presenciando a realidade do caos instaurado na cidade: as ruas se encontram tomadas por dejetos, lixos, ratos e corpos putreficados. Aqueles que ainda se encontravam com vida, guerreavam entre si em busca de alimentos. A mulher do médico sente, então, o peso da responsabilidade em guiar o grupo, mas não hesita em continuar a fazê-lo, direcionando-os até a sua casa para que, juntos, pudessem estabelecer uma solução. Seu posicionamento inusitado do início ao fim do romance comprova a sua natureza altruísta, escolhendo sempre que possível a solidariedade e justificando, desse modo, o porquê de não ter sido atingida pela praga da cegueira.

Enquanto se encontram reunidos à sala da residência do médico e de sua mulher, a visão de cada um dos personagens retorna gradativamente, sugerindo que a epidemia da cegueira branca havia chegado ao fim de forma tão inesperada quanto o seu começo. O último diálogo entre a mulher do médico e o médico gira em torno de uma reflexão diante de todos os acontecimentos vivenciados por eles: “Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem” (SARAMAGO, 1995, p. 310).

1.2. A CEGUEIRA SARAMAGUIANA EM UM CONTEXTO SOCIAL

É evidente que vivemos em uma sociedade repleta de indivíduos que se encontram submersos em uma ideologia cada vez mais narcisista e consumista, importando-se exacerbadamente com seus interesses individuais e impossibilitados de enxergar a sua frente nada além de si. É a partir desta problemática que Saramago dá origem à sua narrativa, criando

situações e consequências que se desencadeiam dentro desse espaço crítico. A patologia investigada dentro do romance é o resultado metafórico para a cegueira social derivada dos indivíduos que convivem em sociedade e suas relações.

Em uma das entrevistas que compõem a obra *Diálogos com José Saramago* (1998), de Carlos Reis, Saramago expusera que, durante a obra *Ensaio sobre a cegueira*, sua principal motivação era demonstrar a própria percepção diante de uma realidade desumanizada, denunciando a perversão existente dentro das relações humanas. O próprio autor afirma manter sua visão pessimista em relação à sociedade e às consequências desiguais de uma organização capitalista, questionando-se qual o sentido, afinal, de uma racionalidade que existe somente para ser usada contra a si e seus semelhantes:

Eu não vejo, sinceramente não vejo e gostaria de ver para minha tranquilidade, nenhum motivo para ser otimista não só perante a história da nossa espécie, como diante do espetáculo de um mundo que é capaz, porque tem meios para isso, de resolver uma quantidade de problemas, desde a fome até à educação ou à falta dela, e que não o faz. E não o faz porquê? Porque aquilo que conta é o lucro. (REIS, 1998, p. 112-113)

Apesar de o enredo girar em torno do fato de que todos os indivíduos de um local fictício se encontrem impossibilitados de enxergar, esse ponto torna-se apenas um gatilho para adentrarmos na questão principal da obra. A elaboração do espaço caótico criado por Saramago contribui para a reorganização do indivíduo em uma sociedade livre de amarras sociais, trazendo à tona um ser egocêntrico e sua busca incessável, ainda que infundada, por poder. Segundo Ângela Ignatti Silva³, “a transformação da cegueira, nesse ponto, liga-se à formação da identidade, uma vez que, ao alterar-se a maneira como as pessoas se reconhecem, se organizam e interagem com as outras, é dada continuidade no processo de metamorfose do ser humano”. Desse modo, podemos afirmar o caráter alegórico da narrativa, tendo a cegueira como metáfora para a escassez da razão na contemporaneidade.

Não seria a primeira vez, no entanto, que a cegueira é utilizada na literatura como metáfora para a alienação do homem, tendo como exemplo também o personagem Édipo Rei na tragédia de Sófocles, que, ao descobrir que matou seu próprio pai e casou-se com sua mãe, decide tirar a sua própria visão. Entende-se por essa autopunição que, como não fora capaz de acreditar no seu destino e enxergar a sua realidade enquanto via, agora, cego, estaria apto a abandonar sua arrogância para que encontre a sua paz. Tanto a tragédia de Édipo, quanto o *Ensaio sobre a cegueira* refletem as adversidades enfrentadas por uma humanidade imersa em

³ SILVA, Ângela Ignatti. Tempo, espaço e autoconsciência: a construção da identidade em *Ensaio sobre a cegueira*. 217 f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Programa de Pós-graduação em Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008, p. 149.

fragilidade, fadada a lidar com as consequências de seus atos e com o seu próprio destino, ainda que este seja incerto e imprevisível.

Em um mundo acostumado a viver de aparências, onde a vida em sociedade se transformou em um acúmulo de imagens e espetáculos, o excesso de visão acaba por ludibriar nossos verdadeiros sentidos. Dessa forma, temos nossos “sentidos perdidos, em primeiro lugar de nós próprios, em segundo lugar, na relação com o mundo. Acabamos por circular aí sem saber muito bem nem o que somos, nem para que servimos, nem que sentido tem a existência” (SARAMAGO, José. In: *Janela da alma*, 2002). Ao perder a visão, o homem se vê obrigado a despertar o que estava adormecido em si, utilizando a cegueira como forma de conscientização e procurando experienciar o mundo e sua existência de formas que não havia feito antes.

Max Horkheimer, em sua obra *Eclipse da razão* (2015), explora as noções de racionalidade formal e instrumental, classificando a razão em dois segmentos: a razão objetiva e a subjetiva. Por razão objetiva, o autor define como “uma força não apenas na mente individual, mas também no mundo objetivo – nas relações entre seres humanos e entre classes sociais, em instituições sociais e na natureza e em suas manifestações” (HORKHEIMER, 2015, p. 12), tendo este conceito como referência para grandes sistemas filosóficos, que procuravam organizar uma hierarquia de acordo com uma noção de totalidade. Esse conceito de razão, ao longo dos últimos séculos, passou a dar espaço para uma nova perspectiva de pensamentos conceituada como razão subjetiva, que consiste na instrumentalização dos processos racionais, tornando-se essencialmente preocupada com a sua satisfação individual no meio de um propósito para a obtenção de seu fim. No romance de Saramago, estes seguintes fenômenos tornam-se visíveis ao demonstrar a inabilidade do indivíduo contemporâneo em perceber tanto quanto a si próprio, quanto ao mundo ao seu redor, dispostos apenas a atingir um diminuto momento de prazer momentâneo, afirmando a sua irracionalidade racionalizada.

No passado, o homem não era persuadido a concentrar-se em riquezas, consumação e na satisfação própria como acontece na atualidade. Segundo a teoria do eclipse da razão defendida por Horkheimer, o homem contemporâneo se adequa às imposições de preservação do sistema para a sua própria sobrevivência, uma vez que não pode escapar deste. Ao se ajustar aos moldes do sistema como maneira de autopreservação, o homem torna-se cego e manipulável, suscetível a servir a diferentes finalidades para que não seja excluído, gerando uma alienação intelectual e moral.

O imediatismo cotidiano torna-se característica essencial na perda de sensibilidade do ser humano, tendo como exemplo a cena inicial da obra de Saramago, onde logo após o primeiro caso da cegueira branca, o principal objetivo dos condutores no trânsito é retirar o indivíduo

responsável por todo o transtorno e seu veículo da via, renunciando a qualquer humanidade existente e o tratando apenas como um obstáculo. Em um segundo momento da narrativa, durante a visita do primeiro cego ao consultório oftalmológico, ao considerar o caso urgente, o médico oftalmologista permite que o homem seja atendido à frente dos demais pacientes, despertando a indignação naqueles que aguardavam anteriormente e revelando a falta de sensibilidade e empatia presente na sociedade. A intolerância causada pela pressa excessiva revela-se como um dos aspectos usuais da contemporaneidade, provando que os comportamentos revelados a partir da epidemia já existiam, bastando apenas encorajá-los para que fossem observados a olho nu.

O ensaio evidencia a necessidade do “ter” em sobreposição ao “ser” presente na sociedade, ressaltando os valores socioculturais que configuram a construção do ser humano, tais como o individualismo, o egocentrismo, o apego aos bens materiais, a ambição e a tirania. Ainda que os cegos excluídos da humanidade se encontrem diante de uma situação caótica, é perceptível, mesmo assim, a urgência na reconstrução das posições sociais dos indivíduos, visto que as posições que existiam anteriormente encontravam-se anuladas diante da cegueira. “Assim, entre um médico e um ladrão, o que agora os distingue não são mais as representações sociais que hierarquizavam a realidade anterior à epidemia, mas é a capacidade de resistência da sensibilidade humana em circunstâncias tão adversas” (FIGUEIREDO, 2006). Esse conceito fica claro quando o grupo dos “cegos maus” decide controlar a comida fazendo o uso de uma arma, exigindo que, a troco da alimentação, os demais cegos se desfaçam de seus pertences materiais. O intuito dessa barbárie nada mais é do que a representação de um sistema pós-moderno conduzido pelas relações de poder. Nota-se o condicionamento social do indivíduo, transmitindo a ideia de que seus valores e ações dependem de toda uma estrutura sociocultural.

Podemos conceber nas variadas alegorias presentes no romance uma crítica contra o modo bárbaro e desumano que caracteriza o indivíduo contemporâneo. Essas mazelas humanas emanam de sua própria irracionalidade, como podemos observar segundo Horkheimer (2015). Dessa forma, estabelecemos a cegueira branca como resultado da própria cegueira social, aquela que não nos priva da visão, mas nos impede de enxergar o próximo.

1.3. O MANICÔMIO

A maior parte da narrativa no romance *Ensaio sobre a cegueira* se desenvolve dentro de um espaço específico: o manicômio. Escolhido pelas autoridades para abrigar os infectados e mantê-los em quarentena durante um período indeterminado, este espaço é originalmente conhecido por ser uma instituição de internamento para aqueles que sofrem com transtornos

mentais. Desta forma, é perceptível a ironia na escolha do autor, visto que a existência deste espaço por si só torna-se segregadora ao possibilitar que um indivíduo tenha sua liberdade julgada através de sua saúde mental, tendo sua voz silenciada e suas ações observadas. Este enredo metafórico, no entanto, rapidamente abre espaço para uma associação entre a cegueira branca e a loucura, “uma vez que a vida dentro do manicômio será regida, a princípio, pela insensatez, pela violência e pela falta de civilidade” (SILVA, 2008, p. 25). A cegueira branca, assim como a loucura, passa a ser vista não apenas como um motivo de reclusão daqueles detentores da doença, mas um problema a ser contido, senão exterminado. Cabe ainda aos próprios personagens refletirem sobre a relação entre a situação atual e o espaço em que agora se encontram: “Isto é uma loucura, Deve de ser, estamos num manicômio” (SARAMAGO, 1995, p. 48).

O principal motivo desta medida tomada pelo governo, além de impedir que a doença supostamente contagiosa se espalhasse, era tentar encobrir o caos que se alastrava pela cidade, mantendo-os rigorosamente vigiados e sob ameaça de morte caso tentassem escapar: “(...) pedimos a atenção de todos para as instruções que se seguem, primeiro, as luzes manter-se-ão sempre acesas, será inútil qualquer tentativa de manipular os interruptores, não funcionam, segundo, abandonar o edifício sem autorização significará morte imediata” (SARAMAGO, 1995, p. 50). Os governantes encontram no manicômio um espaço que, além de não apresentar nenhum tipo de impedimento jurídico, possui as características necessárias para facilitar o isolamento ao possibilitar a divisão dos cegos em diferentes alas.

Através dos olhos da mulher do médico, podemos nos situar perante a desumanização a qual os cegos estavam sendo submetidos, largados em um espaço abandonado, descuidado e desadaptado, sem a menor noção de quanto tempo aquela situação perduraria. O narrador descreve o local com características semelhantes a um ambiente carcerário, o que acaba por se tornar real devido às condições em que se encontram, resumindo os cegos a seres “igualados pela doença absurda, condenados ao encarceramento, à loucura do confinamento, à violência e à morte” (CERDEIRA, 2000, p. 254).

A falta de capacidade para a administração e a inexperiência em situações emergenciais é verificada a partir desta atitude governamental, uma vez que, ao isolar o grupo de contaminados e submetê-los a um rígido sistema de controle e supervisão, o Estado uniformizará o tratamento oferecido a uma pluralidade de tipos representativos. Estavam ali confinados “seres humanos de todos os jeitos, procedências e feitios em matéria de humor e temperamento” (SARAMAGO, 1995, p. 117), o que permite estabelecer uma experiência

semelhante ao mundo exterior e gerar diferentes conflitos, tanto em relação a si mesmo, quanto aos outros.

Em diversos momentos, o grupo de cegos compara o espaço a um local de angústias e sofrimento, tendo como exemplo o inferno. No entanto, sem renunciar ao uso de metáforas teológicas, compreende-se que o espaço se assemelha mais ao purgatório, local onde os indivíduos recebem, através de um doloroso processo, uma possibilidade de amadurecer e refletir acerca dos seus erros e pecados, purificando-se de suas impurezas. No manicômio, determinados cegos encontram uma oportunidade para ressignificar sua humanidade e seus valores perdidos, enquanto outros apenas acentuam seus comportamentos desumanos, condenando-se às consequências que lhes serão impostas.

Segundo Angela Ignatti Silva⁴, a falta de comunicação com o mundo exterior é um dos fatores que intensifica o tormento o qual os cegos vivem, pois, além de gerar uma incerteza sobre a situação por conta da falta de informações, também colabora com a falta de abastecimento de itens básicos para a higiene e alimentação, e de medicamentos. A instituição pública que supostamente teria o dever de cuidar dos contaminados resume a comunicação apenas a mensagens gravadas e executadas através de um autofalante, deixando os encarcerados largados à própria sorte e lutando para sobreviver em meio a uma guerra. Ao mesmo tempo em que estão aprisionados, encontram-se desprendidos para tomarem decisões que se desvinculam das normas sociais impostas no mundo exterior, o que contribui para a instalação de suas incertezas:

A ausência ou mera falta de clareza, das normas – anomia – é o pior que pode acontecer às pessoas em sua luta para dar conta dos afazeres da vida. As normas capacitam tanto quanto incapacitam; a anomia anuncia a pura e simples incapacitação. Uma vez que as tropas da regulamentação abandonam o campo de batalha da vida, sobram apenas a dúvida e o medo. (BAUMAN, 2001, p. 28)

Após diversas situações de violência e sofrimento, onde os contaminados aprendem a conviver com a cegueira e com todo o desgaste físico e mental que os assola, o grupo de sobreviventes do incêndio consegue escapar. Ao descrever a cena que finaliza o período de encarceramento, o narrador faz questão de poupar os termos usuais que utiliza para descrevê-los, e chama-os ironicamente de loucos:

Então para simplificar, aconteceu tudo ao mesmo tempo, a mulher do médico anunciou em altas vozes que estavam livres, o telhado da ala esquerda veio-se abaixo com medonho estrondo, esparrinhando labaredas por todos os lados, os egos precipitaram-se para a cerca gritando, alguns não conseguiram, ficaram lá dentro, esmagados contra as paredes, outros foram pisados até se transformarem numa massa

⁴ SILVA, Angela Ignatti, op. cit., 2008, p. 29.

informe e sanguinolenta, o fogo que de repente alastrou fará de tudo isto cinzas. O portão está aberto de par em par, os loucos saem. (SARAMAGO, 1995, p. 210)

O narrador, ao forçar o convívio entre uma diversidade de indivíduos que tiveram seus papéis sociais dizimados, torna perceptível que a motivação dos principais conflitos gerados no manicômio não fora criada necessariamente por conta do encarceramento, mas sim transferida através dos hábitos sociais existentes no mundo exterior. Ainda assim, os laços construídos durante esse período de fragilidade tornam-se o primeiro indício da capacidade de ressignificação do indivíduo, conduzindo o grupo a um processo gradativo de autoconsciência. Podemos compreender, desta forma, como os personagens foram capazes de contrariar todo o caos ocasionado durante o confinamento no manicômio, indo em busca de suas próprias forças internas para aprender a lidar com as relações e vínculos sociais estabelecidos, e principalmente consigo mesmo.

1.4. A MULHER DO MÉDICO: UMA REPRESENTAÇÃO SIMBÓLICA DA BENEVOLÊNCIA ATRAVÉS DO FEMININO

Segundo Monica Figueiredo (2006), “mais do que uma catástrofe de responsabilidade divina, a cegueira é uma conseqüência da falha humana, uma dolorosa manifestação de tragicidade histórica que, poupando os necessários olhos da mulher do médico, indiscriminadamente atinge todos os homens”. A mulher do médico, ao ser caracterizada como a única personagem da narrativa que não fora atingida pela cegueira branca, torna-se a responsável pela função de guia dos acometidos pela doença, ressaltando um comportamento maternal normalmente atribuído às mulheres e tendo a sua visão amplificada no que diz respeito a enxergar além do que os olhos permitem. Ainda assim, consciente de sua própria limitação e solidão em um mundo onde ninguém mais vê, a personagem não se considera privilegiada, e sim apenas uma agente de facilitação na organização: “Não mando, organizo o que posso, sou, unicamente, o olhos que vocês deixaram de ter (...)” (SARAMAGO, 1995, p. 245).

Assim como todos os demais personagens, Saramago não revela grandes informações acerca da personagem que fortaleça sua caracterização na obra, sendo resumida unicamente por seu matrimônio e o convívio diário que provém dele. No entanto, com o desenrolar da narrativa, sua importância passa a se destacar não apenas por ser a única personagem que mantém a sua visão intacta, mas ainda por estabelecer à mulher do médico, ironicamente, a mesma função que seu cônjuge costumava ter em seu ofício como médico oftalmologista: cuidar dos olhos dos demais indivíduos. A partir de então, a mulher do médico elege seus aliados, passando a se conscientizar do papel que estaria prestes a desempenhar durante o período de confinamento,

descobrimo “a responsabilidade de ter olhos quando os outros os perderam” (SARAMAGO, 1995, p. 241).

Apesar de se encontrar em uma situação extremamente crítica ao presenciar cenas pavorosas e sentindo-se responsável não apenas por seu marido, mas também pelo grupo dos cegos, a personagem se mantém firme em seu propósito na maior parte do tempo. A mulher do médico se mostra capaz de adaptar-se constantemente a diferentes tipos de situações que exigem uma imensa demonstração de humanidade e autoconsciência, procurando manter a sua lucidez diante da bestialidade revelada pelos homens. Ainda assim, o autor é cuidadoso ao evitar uma descrição que remeta à idealização utópica de um suposto caráter heroico. De acordo com Bueno (2002), “a mulher do médico, magnífica figura feminina, não é heroína, é apenas corajosa testemunha do horror, sugerindo, talvez no longo curso, uma qualidade ancestral do matriarcado, por oposição ao milenar egoísmo do patriarcado e das religiões monoteístas”.

Não é a primeira vez que Saramago exalta a figura feminina em seus romances, como podemos observar nas obras *Evangelho segundo Jesus Cristo* (1991), com Maria de Magdala, *História do cerco de Lisboa* (1989), com Ouroana e Maria Sara, e em *Memorial do Convento* (1982), com a aclamada personagem Blimunda. A caracterização das personagens femininas de Saramago como mulheres resistentes e simbólicas transforma-se em uma marca de sua escrita, contribuindo para uma desconstrução dos estereótipos femininos na literatura.

Em especial, a personagem Blimunda, conhecida como “a mulher dos olhos excessivos”, estabelece um processo dialógico com a mulher do médico, uma vez que ela também possui a capacidade de enxergar o que os demais são incapazes de ver. A personagem da obra *Memorial do Convento* possui o dom da clarividência, herdado por sua mãe que fora sacrificada durante a Inquisição, sendo capaz de compreender a realidade e o indivíduo em um nível mais amplo. Ambas as personagens tornam-se mediadoras da relação entre homem e sociedade, sendo responsáveis por assumir as consequências que a visão lhes impõe. A jornada imposta por Saramago na criação tanto da mulher do médico, quanto de Blimunda, possui um longo processo de evolução, crescimento pessoal e autoconhecimento.

Voltando o olhar à caminhada da personagem de *Ensaio sobre a cegueira*, desde o momento em que percebeu a gravidade da epidemia que se iniciava, a mulher do médico se dispôs a acompanhar seu marido, acometido pela doença, mesmo que, para isso, fosse obrigada a esconder dos agentes do governo o real estado de sua visão intacta:

(...) Desceram no elevador, ela ajudou o marido a transpor os últimos degraus, depois a entrar na ambulância, voltou à escada para buscar a mala, içou-a sozinha e empurrou-a para dentro. Finalmente subiu e sentou-se ao lado do marido. O condutor da ambulância protestou do banco da frente, Só posso levá-lo a ele, são as ordens que

tenho, a senhora saia. A mulher, calmamente respondeu, Tem de levar também a mim, ceguei agora mesmo. (SARAMAGO, 1995, p. 44)

Nesse momento, é possível traçar algumas características significativas da personagem que, até então, não haviam se revelado, como a sua coragem, lealdade e impetuosidade, todas presentes no fragmento citado acima. Por mais apavorante que fosse a situação, a mulher do médico se mostrou destemida e disposta a enfrentar o desconhecido, e “ao decidir acompanhar o marido, se transforma na testemunha necessária, no corpo sempre presente que, não recusando a experiência da dor vivida como destino compartilhado, poderá ensinar a antiga lição da compaixão” (FIGUEIREDO, 2006), dando vida ao papel de protagonista da obra ao lado de personagens femininas igualmente relevantes.

Com a ida do casal para o manicômio, a personagem passa a dominar a narrativa ao tornar-se os olhos daqueles que não mais enxergam, incorporando um espírito de organização e liderança entre os afetados pela epidemia. Por conseguinte, torna-se também os olhos dos leitores, visto que, ao ter sua voz confundida com a do narrador onisciente, é através deles que podemos perceber o estado de violência e desumanização do homem. Sua visão se mostra singular, pois não se deixa contaminar em meio à alienação que a rodeia, como se simbolizasse uma luz no fim do túnel, mesmo que, ironicamente, seus olhos sejam os únicos ainda capazes de enxergar a escuridão, seja ela literal ou metafórica. Saramago tem a personagem como sua escolhida para participar de modo ativo dessa barbárie, procurando meios de subsistência em um espaço caótico e transformando-a em uma testemunha do seu próprio pessimismo perante as relações humanas. Desta forma, o autor expõe sua criticidade a uma realidade concebida muito anteriormente ao mal branco, nos levando a refletir sobre os valores morais e éticos dentro de uma sociedade.

Além de se tornar a protagonista ao encarnar uma personagem de personalidade marcante, a mulher do médico se vê, em determinados momentos da obra, abraçada por outras personagens femininas que se mostram igualmente fortes, como a rapariga dos óculos escuros. A aproximação afetiva entre essas duas personagens, além de representar uma realidade livre de amarras sociais, visto que uma é esposa, e a outra, prostituta, se dá principalmente pela semelhança em suas atitudes diante de toda a atrocidade que ambas experenciam. Ainda que a rapariga não tenha conhecimento sobre a visão da mulher do médico, ambas procuram manter uma solidariedade em tempos de calamidade, criando um laço que não será afetado nem mesmo diante da traição do médico com a rapariga, flagrados pela própria mulher tendo relações sexuais:

Cale-te, disse suavemente a mulher do médico, calemo-nos todos, há ocasiões em que as palavras não servem de nada, quem me dera a mim poder também chorar, dizer tudo com lágrimas, não ter de falar para ser entendida. Sentou-se na borda da cama, estendeu o braço por cima dos dois corpos, como para cingi-los no mesmo amplexo, e, inclinando-se toda para a rapariga dos óculos escuros, murmurou-lhe baixinho ao ouvido, Eu vejo. (SARAMAGO, 1995, p. 172)

A rapariga dos óculos escuros, antes acostumada a viver de relações supérfluas com homens desconhecidos, percebe que a cegueira lhe trouxe um aprofundamento pessoal e, ironicamente, uma visão de mundo que não fazia parte da sua vida. Junto às outras mulheres, inclusive a mulher do médico, a personagem se submete à violência sexual para que todos possam se alimentar. Ambas as personagens femininas se encontram presas à uma narrativa onde, juntas, enxergam uma possibilidade de buscar forças para reagir nas determinadas circunstâncias em que se encontram, ignorando as posições sociais antes estabelecidas.

Conforme a chegada de novos infectados, há a divisão das camaratas em diversificadas alas, e uma delas torna-se conhecida por ser a ala dos “cegos malvados”, assim nomeada por abranger um grupo de cegos que procuram tirar proveito dos demais indivíduos. Esse determinado grupo propõe ao resto que, caso desejem comer, devem oferecer os corpos de suas companheiras em troca da alimentação. Mesmo diante de toda a indignação gerada nas demais alas, a mulher do médico, mais uma vez, toma a frente da situação e conduz todas as personagens femininas rumo aos estupros coletivos, uma cena de pura selvageria que somente ela teria olhos para presenciar. Ainda assim, todos os presentes se veem capazes de sentir a aflição daquela visão através dos gritos de horror que ecoam por todo o manicômio naquele momento. Em meio a tantas humilhações, as mulheres se encontram desgastadas, exauridas, derrotadas. Não apenas seus corpos haviam sido violados, mas também suas dignidades. A brutalidade do estupro era tamanha que ocasiona a morte de uma das cegas, tonando-se essa a principal motivação para a decisão da mulher do médico de fazer justiça com as próprias mãos ao assassinar o líder dos cegos malvados:

A tesoura enterrou-se com toda a força na garganta do cego, girando sobre si mesma lutou contra as cartilagens e os tecidos membranosos, depois furiosamente continuou até ser detida pelas vértebras cervicais. O grito mal se ouviu, podia ser o ronco animal de quem estivesse a ejacular, como a outros já estava sucedendo, e talvez o fosse, na verdade, ao mesmo tempo que um jacto de sangue lhe regava em cheio a cara, a cega recebia na boca a descarga compulsiva do sémen. (SARAMAGO, 1995, p. 185-186)

É a partir deste acontecimento que a mulher do médico assume um temperamento diferente do que havia mostrado até então, adotando um tom mais autoritário e destemido ao revidar a ameaça que recebera de um dos cegos maus, e revelar tanto a sua condição de visão, quanto a sua coragem ao enfrentá-los: “Lembre-se do que eu no outro dia disse, que não me esqueceria da cara dele, e daqui em diante pensem no que vos digo agora, que também não me

esquecerei das vossas (...) Talvez eu seja a mais cega de todos, já matei e tornarei a matar se for preciso” (SARAMAGO, 1995, p. 187-188). Nesse momento, a mulher do médico abandona todas as convenções sociais com as quais ainda estava conectada e assume uma condição forçada pelas circunstâncias em que se encontrava, revelando que entende claramente a percepção de cegueira ética tratada na narrativa. Decidida, a personagem não se deixa levar apenas por suas emoções, mas também pela racionalidade de que é a única pessoa capaz de amenizar o tormento que vivenciam, ainda que, para isso, precise ferir seus princípios. Ao dar-se conta disso, imediatamente sente seus olhos nublarem e pensa ter cegado, “mas logo compreendeu que ainda não ia ser desta vez, eram só lágrimas o que lhe cobria a visão” (SARAMAGO, 1995, p. 187). Ao escolher defender sua dignidade e a de todos os afetados, principalmente daquelas que tiveram seus corpos violentados, a mulher do médico aceita a possibilidade de perder sua visão e unir-se a condição de todos aqueles que protege. Essa consciência sobre o comportamento humano em relação ao próximo é justamente o que a torna a única personagem capaz de enxergar em meio à cegueira.

A terceira etapa da narrativa é desenvolvida a partir de um incêndio causado pela mulher do médico ao presenciar um verdadeiro cenário de guerra no manicômio, composto por muito sangue derramado e corpos caídos. A personagem será a responsável por, mais uma vez, guiar a grande massa sobrevivente de cegos que, desesperados, tentam escapar do incêndio, e conseqüentemente, por libertá-los dos muros do hospício. Seu papel de protetora torna-se cada vez mais fundamental para a sobrevivência dos indivíduos.

A volta à cidade torna-se estarrecidora tanto para os cegos, que já não têm permissão para usufruir da liberdade que possuem, quanto para aquela única portadora do sentido da visão, testemunha visual da degradação agora existente nos labirintos urbanos, configurando uma nova aparência na cidade a qual deixaram para trás. Em diversos momentos, a personagem deixa claro que manter a sua visão em um mundo de cegos não é um privilégio, mas sim um martírio por ser a única a enxergar tamanha abjeção: “(...) é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o” (SARAMAGO, 1995, p. 262).

A mulher do médico se dá conta de que, ainda que houvesse liberdade, os cegos continuam presos em um manicômio a céu aberto, e cabe somente a ela não apenas guiá-los, mas ir em busca de segurança e alimentação para todos. Ela é a única capaz de encontrar em sua lucidez uma forma de dar continuidade à vida, abandonando seu emblema adquirido de mulher violentada e mulher assassina, e retornando para a sua posição de assistência. Da maneira que encontra, a personagem tenta devolver aos cegos tudo aquilo que lhes foi tomado

junto à visão, tudo aquilo que há tempos não havia valor. O senso de solidariedade adquirido através das ações da mulher do médico vai prevalecendo, e isso é confirmado pelo fim da epidemia que devolve, aos poucos, a visão de cada indivíduo afetado.

Através da mulher do médico, Saramago tenta representar uma alegoria da benevolência em um mundo contemporâneo que sobrevive apenas de aparências. Seus olhos são capazes de devolver ao ser humano os valores que se encontram esquecidos, tais como a solidariedade, a generosidade e a compaixão. O autor é capaz de provar que é possível perceber um indivíduo principalmente através do olhar que ele oferece ao próximo. Esperançosa diante de todos os traumas vivenciados, a mulher do médico, ainda que inconscientemente, acredita que toda a humanidade ressurgirá.

2. ZYGMUNT BAUMAN E O CONCEITO DE MODERNIDADE LÍQUIDA

2.1. A LIQUIDEZ CONSTATADA EM ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA

Segundo o sociólogo Zygmunt Bauman, a modernidade pode ser conceituada como um período histórico que “começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida entre si” (BAUMAN, 2001, p. 16). Em sua obra *Modernidade Líquida* (2001), o autor justifica a escolha do termo “líquido” como analogia da atualidade pela sua falta de formato específico, possibilitando que sejam adaptados a qualquer recipiente em que estejam armazenados, diferente dos sólidos, que possuem delimitações espaciais já especificadas. Esta fluidez se dá a partir dos laços frágeis que as relações humanas possuem na atualidade, diferentemente do período em que estas relações eram caracterizadas através da rigidez e da solidificação.

A modernidade líquida, para Bauman, é um estágio contemporâneo da modernidade que deve ser associado como parte desta, e não como uma nova era, pois o que a define é “a

compulsiva e obsessiva, contínua e irrefreável e sempre incompleta modernização, a opressiva e erradicável, insaciável sede de destruição criativa” (BAUMAN, 2001, p. 36), ou seja, a modernidade se encontra em constante transgressão, procurando destruir modelos antigos para que possa dar espaço ao novo. Este cenário moderno de liquidez torna-se, então, a representação de um modelo social atual que flerta constantemente com a instabilidade, os medos e as incertezas, marcado pela substituição de um padrão pré-estabelecido por uma sociedade que vive de acordo com seus próprios parâmetros, assumindo a responsabilidade pelas consequências que partem de suas escolhas.

Uma das características mais marcantes no conceito de modernidade líquida é a individualização proveniente da liberdade excessiva, permitindo que os indivíduos assumam responsabilidades anteriormente delegadas a instituições ou entidades políticas. A condição da sociedade representada por Saramago se encaixa perfeitamente neste conceito defendido por Bauman, pois, a partir do momento em que o Estado aprisiona uma massa da sociedade em um ambiente livre de normas sociais, estes se encontram completamente sem expectativas e sinalizações, buscando lutar apenas por sobrevivência própria. Segundo Bauman, “as diferenças nascem quando a razão está inteiramente desperta ou voltou a adormecer” (BAUMAN, 2001, p. 193). A individualidade torna-se um princípio básico durante o convívio no manicômio, o que acentua as diferenças entre os indivíduos, colaborando para que percam a noção da coletividade necessária dentro de uma sociedade e enxerguem apenas os valores existentes em prol de si mesmo. A narrativa de Saramago é a representação de como os códigos de conduta de uma sociedade podem ser facilmente alterados mediante diversos acontecimentos externos, interferindo diretamente em um sistema social e apontando a fragilidade dos valores éticos, uma vez que tais acontecimentos podem determinar uma mudança de comportamento social. Podemos associar este processo de individualização que compõe o pensamento de Bauman à obra analisada, uma vez que, ao esquivar-se da moralidade para exercer ações baseando-se apenas em atender seus próprios interesses, o homem desconsidera que suas práticas possam afetar o próximo, evidenciando um estado de cegueira moral presente na sociedade.

No início da obra, após surgir o primeiro caso da cegueira branca, observamos a ação de um indivíduo inicialmente denominado como “bom samaritano”, que ao oferecer ajuda a um desconhecido cego, demonstra possuir um caráter de empatia e solidariedade com o outro. No entanto, ao perceber a situação como uma oportunidade para roubar o carro do primeiro cego, revela-se uma substituição de imagens entre uma figura solidária para uma figura oportunista,

exemplificando a flexibilidade identitária do indivíduo pós-moderno que pode ocorrer de acordo com a situação exposta. Bauman (2001) afirma que:

As identidades parecem fixas e sólidas apenas quando vistas de relance, de fora. A eventual solidez que podem ter quando contempladas de dentro da própria experiência biográfica parece frágil, vulnerável e constantemente dilacerada por forças que expõem sua fluidez e por contracorrentes que ameaçam fazê-la em pedaços e desmanchar a qualquer forma que possa ter adquirido. (BAUMAN, 2001, p. 107)

Observamos ainda essa flexibilidade identitária no momento em que, após o grupo dos cegos maus exigir que as mulheres tenham seus corpos violentados em troca de alimentos, a mulher do médico decide dar um fim a essa barbárie ao assassinar o chefe do grupo, assumindo um papel criminoso que foge de todos os princípios que fizera questão de cultivar até então. Diante de um cenário animalesco que permite que um sujeito assuma diferentes identidades, a personagem, ao tomar para si a responsabilidade de ser a única capaz de amenizar aquela situação, opta por atender ao seu instinto de sobrevivência em prol da coletividade.

No terceiro segmento da obra, ao escaparem do manicômio, a mulher do médico e o grupo composto por seis cegos decidem sair em busca de suprimentos, visto que se encontravam em estado de debilitação por conta da escassez presente nos últimos dias. Ao se depararem com os supermercados completamente destruídos e saqueados por outros cegos em busca de comida, a personagem, instintivamente, segue a procura de um espaço que armazenasse um estoque de produtos. Quando finalmente encontrou este espaço em um depósito subterrâneo, seus princípios foram novamente colocados à prova: obrigada a escolher entre garantir os suprimentos para o seu grupo ou dividir tudo que encontrara entre os cegos que perambulavam pelo local, a mulher se vê diante de um conflito interno entre ceder à sua satisfação individual ou amenizar o sofrimento de outras pessoas. Mais uma vez, a personagem opta por seguir seu instinto natural de sobrevivência, garantindo que as necessidades do seu próprio grupo estejam supridas. No entanto, quando retornou ao supermercado para repor os mantimentos, a mulher se surpreende ao perceber pequenas chamas provenientes do apodrecimento de cadáveres dentro do depósito, revelando uma crise de consciência desencadeada pelo sentimento de culpa, ainda que indiretamente, por conta da morte dos cegos que rolaram escada abaixo em busca de comida, reforçando a sua integridade, que, apesar de influenciada pela situação extrema em que se encontrava, não havia se perdido por completo.

Percebemos as ações da mulher do médico e suas modificações identitárias como a representação da influência causada de acordo com a conjuntura social. Levando em consideração o contexto de modernidade líquida presente na obra, torna-se compreensível que cada ação seja motivada pelas circunstâncias e necessidades específicas de um determinado

ser, sendo descabido um julgamento moral generalizado desconsiderando a reponsabilidade atribuída a cada indivíduo. Segundo Bauman e Donskis (2014), “nossa capacidade de convivência face a face e a satisfação, o prazer que obtemos dela, também correm perigo, ao serem confrontados pela pressão combinada de uma visão de mundo consumista e do ideal das relações puras”.

O conceito das relações frágeis presentes na modernidade líquida defendido por Bauman (2005) também será analisado durante a narrativa de *Ensaio sobre a cegueira*. Em meio a um estado social representado por incertezas, volatilidades, inseguranças e individualismo, torna-se cômodo manter os laços afetivos frouxos por temer que um compromisso seja compreendido como uma ameaça à tão valorizada liberdade. Naturalmente descartáveis, as relações se desfazem a partir do momento em que a necessidade do indivíduo não esteja sendo suprida, provando que os laços criados não são formados por vínculos sólidos e reais, mas por estruturas frágeis para que possam ser facilmente substituídas. Essa fragilidade é intencionalmente criada para que o ser humano seja visto como um produto passível de ser consumido e descartado a qualquer momento. Na obra em análise, ainda que não tenha se oficializado o rompimento entre o oftalmologista e sua mulher, constatamos a representação deste conceito no momento em que o médico se relaciona sexualmente com a rapariga dos óculos escuros. Ao ser desleal com a mulher que o amparava durante a cegueira, percebemos a conveniência ao buscar o prazer em uma relação em que a troca afetiva seja inexistente, puramente sexual – e descartável. A atitude da mulher do médico, que tudo observa e ainda assim escolhe perdoá-los, reflete a conformidade diante de uma sociedade com valores líquidos.

Como observamos anteriormente, na obra de Saramago, *Ensaio sobre a cegueira*, é perceptível a construção de um percurso literário que atua diretamente no que diz respeito à humanidade e suas relações conflitantes. Através de um discurso crítico, o autor materializa uma narrativa que reflete a perversidade e a degradação humana, a falta de valores morais e éticos, as condutas abusivas de poder e tantas outras barbáries provenientes da natureza humana e seu comportamento perante a sociedade. Ao compreendermos os conceitos que Zygmunt Bauman relaciona à modernidade líquida, fica evidente a correlação entre a obra *Ensaio sobre a cegueira* e as ideias defendidas pelo sociólogo. Essa análise da narrativa sob uma nova percepção abre caminhos para compreendermos a sociedade pós-moderna diante de diferentes pontos de vistas, mas que, de alguma forma, entrelaçam-se.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desta presente monografia, buscamos realizar uma análise das questões e problemas abordados na obra *Ensaio sobre a cegueira*, contemplando principalmente os fatores sociais descritos por Saramago como forma de analogia entre o romance e os valores presentes na sociedade contemporânea. A abordagem dessa analogia se dá a partir de uma epidemia que acarreta a perda de um dos principais sentidos humanos, o que reflete uma inquietação do autor em relação à complexidade do ser humano e seu comportamento social. A crítica presente na narrativa de Saramago expressa não apenas a sua insatisfação e pessimismo perante o homem, mas também a possibilidade da transformação, oferecendo ao leitor a oportunidade de reflexão necessária para que haja uma reconstrução da condição humana na contemporaneidade.

A cegueira de Saramago é utilizada como uma ideia política capaz de substituir a racionalidade dos indivíduos pela hostilidade conduzida por uma situação-limite ao serem confrontados com a violência, a fome, o individualismo e a degradação observada naquele

espaço. Observamos, ao longo deste trabalho, como essa variação de comportamento se perpetua durante o confinamento dos personagens no manicômio, pois a partir do momento em que se encontram desregrados e impossibilitados de interagir com o mundo exterior, esta degradação torna-se uma consequência da luta pela sobrevivência entre os diversos núcleos de indivíduos com seus diferentes interesses, anulando os papéis sociais já existentes anteriormente. Ainda assim, ao se permitirem criar vínculos identitários, o grupo de protagonistas liderado pela única personagem capaz de enxergar consegue manter uma organização necessária para enxergar toda uma dimensão que transcende os limites visuais, assistindo “à sua própria força, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão dos seus próprios preconceitos” (SILVA, 1998, p. 294).

Observamos na obra um incômodo proposital causado tanto pela sua escrita contínua, sem pausas, proporcionando ao leitor a sensação de um mergulho profundo na percepção humana, quanto por conta da descrição repulsiva no que diz respeito à situação vivenciada pelos personagens. O ensaio é capaz de comover e enojar ao mesmo tempo, trazendo reflexão e até mesmo, em determinadas situações, uma identificação involuntária, afinal, a cegueira criada por Saramago não é mero objeto literário, mas sim a representação de uma realidade social.

Torna-se notório que a principal temática tratada por Saramago durante a narrativa não é a consequência da cegueira em si, mas sim a sua preocupação com aquilo que tornou cego o homem no mundo contemporâneo. Para Teresa Cristina Cerdeira da Silva (1998), este “é um ensaio sobre a visão: do outro, das relações humanas, das linguagens e seus clichês, da verdade, do poder e até dos gêneros literários nesse romance que, como se sabe, se quer ensaio”, uma obra que, ainda que utilize a cegueira como alegoria, se refere exclusivamente sobre a importância e a possibilidade “de enxergar para além das aparências, para além dos seus próprios limites convencionais” (SILVA, 1998, p. 294).

No romance *Ensaio sobre a cegueira*, a visão se torna um instrumento relevante apenas para aquele que ousa ver. Enquanto estivermos imersos em uma sociedade alienada, imediatista e individualista, a cegueira se fará incessantemente presente diante desta representação de mundo contemporâneo. Sendo assim, a obra nos direciona na busca da pluralidade do olhar, permitindo-nos seguir, a partir destas reflexões, o ensinamento que Saramago traz como epígrafe da obra: “Se podes olhar, veja. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 1995, p.9).

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Tereza Virgínia Ribeiro. Tradução de teatro grego: Édipo Rei, de Sófocles. **Cadernos de tradução**, v. 2, n. 22, p. 89-106, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: acerca de la fragilidad de los vínculos humanos**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira moral**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 2014.

BUENO, André. Formas da crise: relatos da condição humana no capitalismo avançado. **Revista Terceira Margem**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 07, p. 7-20, 2002.

FERREIRA, Sandra Aparecida; NITRINI, Sandra Margarida. **Da estátua à pedra: a fase universal de José Saramago**. 2004. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FIGUEIREDO, Mônica. “Da cegueira à lucidez: o ensaio de um percurso. Algumas notas sobre a narrativa de José Saramago”. In: Diadorim. **Revista de Estudos Lingüísticos e Literários**, n.1. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, 2006. p. 181-190.

JANELA da alma. Direção de João Jardim e Walter Carvalho. Brasil: Europa Filmes, 2002. (73 min.).

REIS, Carlos. **Diálogos com José Saramago**. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 1998.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **História do Cerco de Lisboa**. São Paulo: Companhia. das Letras, 1989.

SARAMAGO, José. **Memorial do Convento**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SARAMAGO, José. **O evangelho segundo Jesus Cristo**. Lisboa: Caminho, 1991.

SILVA, Angela Ignatti. **Tempo, espaço e autoconsciência: a construção da identidade em Ensaio sobre a Cegueira**. 2008. 217 f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago**. In: **CÂNONES e contextos**: anais do Congresso Abralic. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998. p. 691-694.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **O avesso do bordado**. Ensaios de Literatura. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

